PREFÁCIO

A grande beleza deste livro não está tanto no seu estilo literário, nem na extensão e na utilidade da informação que traz, mas sobretudo na simplicidade das suas verdades. As suas páginas constituem um registo de acontecimentos que realmente ocorreram. Tudo o que se fez foi colori-los; e, para tal, não foi cobrado nenhum extra. O George, o Harris e o *Montmorency* não são ideais poéticos, mas sim de carne e osso — em especial o George, que pesa cerca de oitenta quilos. Outras obras podem superar esta no que diz respeito à profundidade de pensamento e ao conhecimento da natureza humana: outros livros podem rivalizar com este em originalidade e tamanho; mas, em relação à sua incurável e incorrigível veracidade, ainda não foi descoberto nada que o ultrapasse. Este, mais do que qualquer outro dos seus encantos, irá tornar este livro precioso aos olhos do estimado leitor; e dará um peso adicional à lição que esta história ensina.

Londres, agosto, 1889



CAPÍTULO I

Nós éramos quatro: o George, o William Samuel Harris, eu e *Montmorency*. Sentados no meu quarto, a fumar e a conversar sobre o quão mal estávamos. Mal, quero eu dizer, do ponto de vista médico, está claro.

Todos nos sentíamos bastante fatigados, e estávamos a ficar preocupados com isso. O Harris disse que, por vezes, sentia umas tonturas tão estranhas, que quase não sabia o que fazia. O George disse que *ele* também sentia tonturas e que *ele* quase não sabia o que fazia. Quanto a mim, era o meu fígado que funcionava mal. Eu sabia que era o meu fígado que estava mal porque tinha lido um panfleto sobre um medicamento hepático, no qual estavam descritos os diversos sintomas que permitem reconhecer quando temos o fígado a funcionar mal. Eu sofria de todos.

É curioso, mas nunca li um panfleto de medicamento sem me sentir impelido a concluir que sofro precisamente da doença em questão na sua forma mais perigosa. O diagnóstico parece-me sempre corresponder, de forma exata, a todos os sintomas que sempre manifestei.

Lembro-me de ter ido um dia ao Museu Britânico, para ler sobre o tratamento para uma ligeira indisposição de que me queixava... Creio que era febre dos fenos. Tirei o livro da prateleira, li o artigo todo que me interessava; e, de seguida, num momento de distração, pus-me a folhear o livro e a estudar todas as doenças em geral. Não sei por qual comecei — era um flagelo devastador —, mas, mesmo antes de ter percorrido metade da lista dos «sintomas premonitórios», estava absolutamente convencido de que tinha apanhado a doença.

Senti-me um pouco paralisado pelo terror; depois, abandonado ao desespero, recomecei a folhear o livro. Cheguei à febre tifoide — li os sintomas —, descobri que tinha contraído a doença e que já a devia ter há muitos meses, sem o saber — perguntei-me o que mais poderia ter ainda; cheguei à Dança de S. Vito — descobri, como já esperava, que também sofria dela —, comecei a ficar interessado no meu caso, e, determinado em esclarecê-lo até ao fim, recomecei, desde o princípio, por ordem alfabética — li o artigo sobre a asma, e aprendi que estava a ficar doente por causa disso, e que o período crítico deveria começar dentro de uns quinze dias. Fiquei aliviado ao saber que, no que diz respeito à doença de Bright, sofria apenas da sua forma benigna, e que, se dependesse disso, poderia viver ainda muitos anos. Cólera eu tinha, com complicações severas; quanto à difteria, parecia que já a tinha desde a nascença. Percorri conscienciosamente as vinte e seis letras do alfabeto, e concluí que a única doença da qual não sofria era de artrose das criadas.

Inicialmente, senti-me um pouco diminuído pela ideia; por que razão não tinha artrose? Porquê esta restrição estranha? No entanto, passado algum tempo,

prevaleceram sentimentos menos exigentes. Apercebi-me de que possuía todas as outras doenças conhecidas da farmacologia e tornei-me menos egoísta e mais determinado a prosseguir sem a artrose das criadas. A gota, na sua forma mais maligna, parece que se tinha apoderado de mim, sem que eu me apercebesse disso; e de zimose sofria evidentemente desde a minha adolescência. Como não existiam mais doenças depois da zimose, concluí que não sofria de mais nada.

Sentei-me e ponderei. Pensei no quão interessante eu devia ser do ponto de vista médico, e que bela aquisição seria para uma aula! Os estudantes não teriam necessidade de «andar pelos hospitais» se me tivessem à mão. Todo eu era um hospital. Tudo o que precisavam de fazer era andar em meu redor, e, depois disso, tirar o seu diploma.

Depois interroguei-me sobre quanto tempo eu ainda teria de vida. Tentei examinar-me. Senti o pulso. Primeiro não consegui sentir nada. Depois, de repente, pareceu começar a bater. Puxei do relógio e cronometrei as pulsações. Contei cento e quarenta e sete por minuto. Tentei sentir o meu coração. Não conseguia senti-lo. Tinha parado de bater. Desde então, tenho vindo a ser convencido de que ele devia, realmente, estar dentro do meu peito ao longo de todo este tempo, e que devia estar a bater, mas não o garanto. Apalpei toda a frente do meu corpo, desde a cintura até à cabeça, em ambos os lados, e um pouco mais acima, nas costas. Mas não consegui sentir nem ouvir o que quer que fosse. Tentei ver a minha língua. Estiquei-a até ao máximo que ela podia, fechei um olho e tentei examiná-la com o outro. Só conseguia ver-lhe a ponta, e o único ganho que daí tirei foi a certeza de que eu tinha escarlatina.

Ao entrar naquela sala de leitura, eu era um homem feliz e saudável. Saí de lá de rastos, um farrapo decrépito.

Fui ter com o meu médico. Ele é um dos meus amigos mais antigos, sente-me o pulso, vê-me a língua, e põe-se a falar do tempo lá fora, tudo de graça, quando eu me imagino doente; e então pensei em fazer-lhe uma bondade e ir ter com ele. «O que um médico quer», digo eu, «é praticar. Ele deve ter a minha pessoa para praticar. Terá mais prática comigo do que com cento e dezassete dos seus doentes vulgares, que não têm mais do que uma ou duas doenças cada um.» Então fui de imediato ter com ele, que me disse:

— Então, qual é o teu problema?

E eu respondi-lhe:

— Não te vou fazer perder tempo, meu caro, a contar-te o que se passa comigo. A vida é breve, e podes desaparecer antes de eu acabar. Mas vou dizer-te o que *não* se passa comigo. Eu não sofro da artrose das criadas. Por que razão eu não tenho artrose das criadas é algo que não te sei dizer; mas mantém-se um facto que disso não sofro. No entanto, de tudo o resto, eu sofro.

E passei a contar-lhe como cheguei a essa conclusão.

Depois ele mandou-me abrir a boca, olhou-me, tomou-me o pulso, e deu-me uma pancada no peito quando eu menos esperava — coisa de cobarde, digo eu. Logo em seguida, deu-me uma cabeçada. Depois disso, sentou-se, escreveu uma receita, dobrou-a e entregou-ma, e eu meti-a no bolso e saí.

Nem sequer a abri. Fui até à farmácia mais próxima e entreguei-a ao farmacêutico. Ele leu-a e devolveu-ma.

Disse-me que não tinha aqueles remédios.

Eu perguntei-lhe:

— O senhor é farmacêutico?

Ele respondeu-me:

— Sou farmacêutico. Se eu fosse uma cooperativa de lojas e uma pensão de família combinadas, talvez pudesse servi-lo. Sendo apenas farmacêutico, é-me impossível.

Li a receita. Dizia assim:

Meio quilo de bife com meio litro de cerveja preta de seis em seis horas. Uma caminhada de quinze quilómetros todas as manhãs.

Uma cama às onze horas em ponto todas as noites.

E não enchas a cabeça com coisas que não entendes.

Segui as instruções, com o feliz resultado — falo por mim — de ter a minha vida preservada, o que até hoje continua.

Naquele caso, voltando ao panfleto do comprimido para o fígado, eu tinha os sintomas, sem qualquer sombra de dúvida, sendo o principal deles «um desinteresse generalizado em fazer qualquer tipo de trabalho.»

O quanto sofri nesse aspeto não há palavras que o descrevam. Desde tenra idade, tenho sido um mártir. Quando eu era criança, essa doença nunca me abandonou. Ninguém sabia na altura que a causa era o meu fígado. A medicina estava então muito menos desenvolvida do que acontece hoje, e os médicos costumavam reduzi-la à preguiça.

«Mas que diabo, seu preguiçoso», diziam eles: «Levanta-te e faz alguma coisa pela vida!» Diziam-no sem saberem, é claro, que eu estava doente. E, não me davam comprimidos, davam-me sopapos na cabeça. E, por mais estranho que possa parecer, esses sopapos muitas vezes curavam-me — até agora. Sei que um desses sopapos na cabeça tinha mais efeito no meu fígado e me dava maior vontade de meter mãos ao trabalho imediatamente, e fazer o que

me era pedido sem mais perda de tempo, do que acontece agora com uma boa caixa inteira de comprimidos.

Sabe, é assim muitas vezes: aqueles remédios simples e caseiros são, por vezes, mais eficazes do que todos os medicamentos de farmácia.

Ficámos ali sentados no meu quarto durante cerca de meia hora, a descrever uns aos outros as nossas doenças. Expliquei ao George e ao William Harris como é que me sentia quando me levantava pela manhã, e o William Harris contou-nos como se sentia à noite ao deitar; e o George, de pé em frente à lareira, deu-nos uma representação inteligente e expressiva, ilustrando o que sentia durante a noite.

O George imagina que está doente; mas a verdade é que não há nada de errado com ele.

Por essa altura, a senhora Poppets bateu à porta para saber se nós estávamos prontos para jantar. Sorrimos uns para os outros com uma certa tristeza e respondemos-lhe que seria boa ideia tentar engolir alguma coisa. O Harris disse que, por vezes, um bocadinho de algo dentro do estômago é o suficiente para afastar a doença; a senhora Poppets trouxe a bandeja, e nós arrastámo-nos até à mesa para mordiscar um pequeno bife com cebolas e uma torta de ruibarbo.

Eu devia estar muito fraco nessa altura, porque lembro-me de que, cerca de meia hora depois, ainda não tinha vontade de comer — algo pouco usual em mim — e não quis nenhum queijo.

Cumprido este dever, voltámos a encher os nossos copos, acendemos os nossos cachimbos e retomámos a discussão sobre o estado da nossa saúde. Nenhum de nós tinha a certeza daquilo que havia realmente de errado

connosco; mas a opinião unânime era a de que a nossa doença — qualquer que fosse a sua natureza — era resultado de trabalho excessivo.

— O que nós queremos é descanso — disse o Harris.

— Descanso e mudança completa — disse o George. — Os excessos sobre os nossos cérebros provocaram uma depressão geral no nosso organismo. Uma mudança de cenário e a ausência da necessidade de pensar vão restabelecer o equilíbrio mental.

O George tem um primo que geralmente aparece nos registos como sendo estudante de Medicina, o que talvez faça com que tenha uma forma natural de expor as coisas em termos médicos.

Eu concordei com o George, e sugeri que deveríamos escolher um cantinho muito sossegado, longe do ruído da multidão, e sonhar com uma semana radiosa em passeio por caminhos tranquilos — um pequeno cantinho meio esquecido, protegido pelas fadas, fora do alcance do mundo ruidoso, um ninho de águias empoleirado nos penhascos do tempo, onde apenas se ouvisse ao longe o rolar das ondas tumultuosas do século XIX.

O Harris disse que pensava que ia ser deprimente. Disse que conhecia bem o género de sítio que eu propunha; onde toda a gente se vai deitar às oito horas, onde não há maneira de se conseguir um jornal, nem a peso de ouro, e onde se tem de andar mais de quinze quilómetros a pé para encontrar tabaco.

— Não — disse Harris. — Se queres descanso e mudança, não há nada melhor do que uma viagem por mar.

Opus-me fortemente à viagem por mar. Uma viagem de barco faz bem à saúde quando se vai por um par de meses, mas, por uma semana, é um pesadelo.

Partimos na segunda-feira, com a ideia impregnada de que nos íamos divertir. Acenamos um adeus aos amigos que ficam no cais, acendemos o nosso maior cachimbo, vagueamos na coberta como se fôssemos o capitão Cook, *sir* Francis Drake e Cristóvão Colombo reunidos numa só pessoa. Na terça-feira, desejamos nunca ter ido. Na quarta, na quinta e na sexta, desejamos a morte. No sábado, estamos capazes de tomar umas colheres de caldo, de nos sentar na coberta e de responder com um sorriso fraco e pálido quando as pessoas bondosas perguntam como nos estamos a sentir. No domingo, voltamos a andar e a comer alimentos sólidos. E só na segunda-feira de manhã, quando, de mala e chapéu de chuva na mão, esperamos na ponte o momento do desembarque, é que começamos realmente a gostar da viagem.

Lembro-me de uma vez em que o meu cunhado foi fazer um pequeno passeio de barco para melhorar a sua saúde. Comprou um bilhete de ida e volta entre Londres e Liverpool; assim que chegou a Liverpool, o seu único desejo era vender o bilhete de volta.

O bilhete foi oferecido por toda a cidade com um desconto formidável, ou pelo menos assim me foi dito; e, por fim, foi vendido por dezoito pence a um rapazito a quem o médico tinha acabado de recomendar o ar do mar e muito exercício.

— Ar do mar — disse-lhe o meu cunhado, metendo-lhe o bilhete na mão com um gesto afetuoso. — Terás o suficiente para toda a vida; e quanto a exercício!... vais ter mais exercício sentado naquele barco do que terias se andasses a dar saltos acrobáticos em terra firme.

O meu cunhado voltou de comboio. Disse que o caminho de ferro era saudável o suficiente para ele.

Um outro sujeito meu conhecido foi numa viagem de uma semana ao longo da costa, e, antes de começar, o empregado foi perguntar-lhe se preferia pagar as refeições à medida que as ia fazendo ou se queria pagar adiantado a série inteira.

O empregado recomendou-lhe a segunda opção, já que era mais económica. Disse que o alimentariam durante uma semana inteira por duas libras e cinco, e que ao pequeno-almoço haveria peixe, seguido de um grelhado. O almoço era à uma hora e compunha-se de quatro pratos. O jantar era às seis — sopa, peixe, uma entrada, um prato de carne, aves, salada, doces, queijo e sobremesa. Uma ceia ligeira de carne às dez horas.

O meu amigo julgou que era uma boa proposta (é um grande comilão), e pagou.

Serviram o almoço logo à partida de Sheerness. Ele não se sentiu com tanto apetite como julgara, e contentou-se com uma fatia de carne cozida e com uns morangos com natas. Durante a tarde refletiu seriamente, e, a certo ponto, pareceu-lhe que há semanas que não comia outra coisa senão carne cozida. Noutras alturas, parecia-lhe só ter comido morangos com natas.

Nem a carne nem os morangos com natas aparentavam estar contentes — pareciam bem descontentes.

Às seis horas, vieram informá-lo de que o jantar estava pronto. A notícia não despertou nele grande entusiasmo, mas pensou que tinha de tirar proveito das suas duas libras e cinco, pelo que, amparando-se nos cabos e noutras coisas, desceu ao restaurante. Um aroma agradável a cebola frita e presunto quente, misturado com peixe frito e legumes, recebeu-o ao final das escadas; e então surgiu o empregado, com um sorriso oleoso, a perguntar-lhe:

— Que lhe posso servir, senhor?

— Leve-me daqui para fora — respondeu-lhe com voz débil.

Levaram-no imediatamente para cima, e deixaram-no debruçado a apanhar ar.

Nos quatro dias seguintes levou uma vida simples com base em biscoito de capitão fino (quando digo fino refiro-me ao biscoito, não ao capitão) e água mineral; mas, lá para sábado, começou a ficar melhor e aventurou-se num chá fraco com torradas. Na segunda-feira regalou-se com canja de galinha. Desembarcou na terça-feira e, quando o barco se afastava do cais, lançou-lhe um olhar arrependido.

— Lá vai ele — disse. — Lá vai ele com duas libras e cinco de comida a bordo que me pertencem, e que não comi.

Ele disse que se lhe tivessem dado mais um dia teria acertado as contas.

Portanto, opus-me à viagem de mar. Não, como já expliquei, por minha causa. Eu nunca me enjoo no mar. Mas receava pelo George. Este assegurou-me que não havia problema, e que muito provavelmente lhe agradaria, mas aconselhou-nos, a mim e ao Harris, a não pensarmos nisso, porque estava convencido de que ambos ficaríamos doentes. O Harris disse que para ele era sempre um mistério como é que as pessoas adoeciam no mar — disse que deviam fazê-lo de propósito, por mania, e que muitas vezes desejou sentir-se doente, mas nunca o tinha conseguido.

Depois contou-nos algumas histórias sobre como tinha feito a travessia do Canal, num dia em que o mar estava tão bravo, que os passageiros tiveram de ser amarrados às próprias camas, e ele e o capitão foram as duas únicas almas vivas a bordo que não enjoaram. Outras vezes era

ele e o imediato que não enjoavam; mas, em geral, era sempre ele e outro homem. Se não era ele e outra pessoa, era ele sozinho.

Um facto curioso é que, uma vez em terra, não há ninguém que sofra do enjoo de mar. A bordo cruzamo-nos com imensa gente muito doente, de facto, barcos cheios deles; mas ainda não encontrei um homem, em terra, que soubesse o que era um enjoo de mar. Onde se metem em terra esses milhares de maus marinheiros que abundam a bordo é um mistério.

Se a maioria dos homens fosse como um cidadão que vi um dia no barco de Yarmouth, eu poderia encontrar resposta para o enigma facilmente. Lembro-me de que, mesmo à saída do cais de Southend, ele estava debruçado sobre uma das vigas, numa posição muito perigosa. Aproximei-me dele para o tentar salvar.

— Ei! Venha mais para dentro — disse, abanando-o pelo ombro. — Pode cair ao mar!

— Oh, meu Deus! Quem me dera lá estar — foi a única resposta que tive; e lá tive de o deixar.

Três semanas mais tarde, tornei a encontrar o cidadão na sala de café de um hotel em Bath, a falar das suas viagens, e a explicar, com grande entusiasmo, como amava o mar.

— Bom marinheiro! — exclamou ele, respondendo a um rapaz tímido que o interrogava com um ar de admiração. — Realmente, já me senti ligeiramente indisposto *uma* vez, confesso. Foi ao largo do cabo Horn. O navio naufragou no dia seguinte.

Eu disse:

— Você não estava um pouco abalado no cais de Southend há uns dias, dizendo que só queria ser atirado borda fora?

— Cais de Southend! — devolveu, com uma expressão confusa.

— Sim, na descida para Yarmouth. Fez na sexta-feira três semanas.

— Oh! Ah!... Sim! — respondeu, recuperando o sorriso. — Agora lembro-me. Tive uma dor de cabeça nessa tarde. Foram os *pickles*, sabe. Eram os *pickles* mais horríveis que algum dia provei a bordo de um navio decente. Você comeu alguns?

Quanto a mim, descobri uma excelente prevenção contra o enjoo no mar: baloiçar-se. Basta pôr-se de pé no centro da coberta, e, quando o barco dançar e balançar, inclinar o corpo de um lado para o outro, de maneira a manter-se sempre na posição vertical. Quando é a proa que se eleva, deve inclinar-se para a frente, até quase tocar com o nariz no chão; e, quando é a popa que se eleva, deve inclinar-se para trás. Isto vai muito bem durante uma hora ou duas; mas não é possível baloiçar durante uma semana inteira.

O George disse:

— Vamos então subir o rio!

Ele disse que teríamos ar puro, exercício e sossego; a constante mudança de cenário ocupar-nos-ia a mente (incluindo o pouco que resta da do Harris); e o exercício de remar iria dar-nos um bom apetite e fazer-nos dormir bem.

O Harris disse que achava que o George não devia fazer nada que o tornasse ainda mais sonolento do que já era, pois poderia até tornar-se perigoso. Ele disse que não percebia como é que o George conseguiria dormir mais do que já habitualmente dormia, uma vez que só há vinte e quatro horas em cada dia, tanto no verão como no inverno; mas, de qualquer modo, se ele *conseguisse* dormir mais,

então bem poderia estar morto, e assim economizava o dinheiro da viagem e da estadia.

No entanto, o Harris disse que o rio lhe parecia lindamente. Aparentemente, a ideia agradava a todos.

A mim também me servia lindamente, e eu e o Harris congratulámos o George pela excelente ideia; e dissemo-lo num tom que tinha implícita a nossa surpresa por ver o George apresentar uma ideia tão boa.

O único que não se entusiasmou com a proposta foi *Montmorency*. Ele nunca se interessou pelo rio.

— Tudo muito bem para vocês, meus amigos — disse ele. — Vocês gostaram, mas *eu* não. Não há nada para eu fazer. A paisagem não me comove e não fumo para me distrair. Se eu vir passar um rato, vocês não vão parar; e se adormecer vocês fazem logo tolices com o barco e eu ainda caio borda fora. Se querem saber a minha opinião, isto para mim é tudo um disparate.

Éramos três contra um, e a proposta foi aprovada.